



2998 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)  
GT 10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental

A escrita acadêmica na perspectiva da intervenção pedagógica  
Rosemeri Krumenaur Stangue - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
Rafael Fonseca de Castro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Este artigo consiste em um ensaio teórico – oriundo de uma pesquisa de mestrado em andamento – cujo objetivo é evidenciar a importância da intervenção pedagógica como proposta didática ao aprimoramento da produção escrita de estudantes do Ensino Superior. A intervenção pedagógica (preconizada por Damiani e colaboradores) vem se difundindo como uma relevante ação pedagógica e de pesquisa, o que se observa em projetos exitosos desenvolvidos nessa perspectiva. Vinculada a pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, tem como principal característica a possibilidade de contribuição à Educação por meio da produção de conhecimento científico mediante práticas pedagógicas inovadoras, avaliadas ao final. A pesquisa em curso, especificamente, justifica-se pelo cenário preocupante de domínio da escrita pelos universitários brasileiros. A partir dos estudos realizados até o presente, destacamos os seguintes conceitos e hipóteses de trabalho: a linguagem se constrói a partir das relações entre os falantes cultural e historicamente situados; o texto é um produto social; um processo interventivo sistematizado contribui para o aprimoramento da escrita; o professor pode exercer papel importante como mediador na aprendizagem conceitual da linguagem e na produção escrita de seus estudantes.

## 1. Introdução

Ao conceituar a linguagem como um bem social, por meio da qual o homem se desenvolve e interage com seus semelhantes, em uma relação intercomplementar de troca, evidencia-se a importância dos aspectos histórico-culturais presentes nos processos comunicativos. Dessa forma, a concepção que se tem da linguagem é um ponto de partida para o direcionamento das atividades de ensino da escrita.

Segundo os pressupostos de Vygotsky (2000) de que a relação entre o homem e o mundo é dialética, passando pela formação de ideias e pensamentos, nos planos histórico e cultural, e associando à concepção de linguagem de Bakhtin (2014), é possível perceber a importância dos aspectos sociodiscursivos envolvidos na produção escrita. Adotando essas linhas teóricas, constatamos que o texto é um produto social e que ele está interligado à história e às relações organizadas dos indivíduos.

O presente estudo é fruto de uma pesquisa de mestrado, em andamento, que se baseia metodologicamente na perspectiva da pesquisa do tipo intervenção pedagógica – nos moldes preconizados por Damiani et al. (2013) – e cujo objetivo é o aprimoramento da produção escrita de acadêmicos de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior da Região Norte, Amazônia Ocidental do Brasil.

Estudos como o que estamos realizando se justificam pelo fato de que, como apontam Castro e Damiani (2017), é possível perceber a dificuldade que os acadêmicos possuem quando se trata da produção escrita, em todos os níveis do sistema educacional brasileiro. Para esses autores, tal fato conduz a uma necessária reflexão sobre a qualidade do ensino da escrita no país.

Diante desse contexto, e com o objetivo de aprimorar a capacidade de produção escrita dos acadêmicos de Pedagogia, futuros professores alfabetizadores da Educação Básica, intencionamos, por meio de uma proposta didática de intervenção pedagógica, implementar uma metodologia sistemática de exercícios de produção textual para o aprimoramento de suas escritas. Segundo Castro e Damiani (2017), uma intervenção pedagógica sistematizada instiga a escrita autorreflexiva e tem o potencial de despertar a consciência do escritor para o fato de que ele escreve para um interlocutor. Assim como alerta para a importância de conhecer as regras gramaticais, a fim de melhorar a expressão escrita do pensamento.

Nesta perspectiva, evidenciamos a relevância desse tipo de processo pedagógico-interventivo e dialógico pelo professor que, além do importante trabalho com os conteúdos (teórico-conceituais) necessários para o aprimoramento da escrita, passa a ser um agente mediador do seu desenvolvimento (por meio de intervenções sistematizadas).

Para destacar a metodologia que aqui defendemos, organizamos este texto da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos conceitos que consideramos relevantes diante da problemática que propomos e suas implicações na produção escrita, defendidos por autores vinculados a matrizes linguísticas as quais nos filiamos. Em seguida, apontaremos discussões breves acerca da escrita no contexto escolar e na universidade. Para finalizar, destacamos a metodologia de intervenção pedagógica sobre a escrita de acadêmicos de Pedagogia, tendo em vista a importância do ensino de língua portuguesa e da linguagem escrita na formação de futuros professores alfabetizadores. Para tal, destacaremos referenciais teóricos confluentes com essa perspectiva didática e apresentaremos – em sínteses – duas intervenções realizadas por pesquisadores da área da Educação com acadêmicos de Pedagogia. O texto encerra com nossas considerações parciais atuais sobre a temática.

## 2. O conceito de linguagem e suas implicações na produção escrita

A cada momento histórico e social, a linguagem é concebida de maneira diferente, o que justifica o seu caráter dinâmico. Um fator importante para o ensino da língua materna é a forma como o professor concebe a língua e a linguagem. Segundo Travaglia (2001), tal conceito altera em muito como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. Para este autor, a concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à Educação. Afirmção similar também é defendida por Geraldi (2012, p. 41), o qual justifica que: “uma e outra se fazem presentes na articulação metodológica”.

Consideramos ser o ponto de partida para essa reflexão a concepção de alguns autores que dialogam a respeito do conceito de linguagem relacionado aos fatores socioculturais. Nas perspectivas bakhtiniana e da Linguística Textual – representadas neste texto pelos autores Travaglia (2001), Marcuschi (2003) e Koch (2006) –, a língua se constrói por meio da relação com os outros falantes cultural e historicamente situados. Nessa perspectiva, o dialogismo é essencial à construção de sentidos também na comunicação via linguagem escrita.

Travaglia (2001) explica que a linguagem representa um lugar de interação humana e comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma determinada situação de comunicação, em um contexto cultural, histórico e ideológico específico. Segundo este autor, quando usamos a língua para nos comunicar, agimos e executamos uma ação sobre o outro. “Mas essa ação não é unilateral, tem mão dupla, ou seja, o que

acontece é uma *interação*, uma ação entre o produtor e o receptor do texto” (TRAVAGLIA, 2001, p. 68).

Segundo Marcuschi (2003), a linguagem é como uma faculdade da espécie humana, que permite a atividade simbólica e a ação intersubjetiva. O autor discorre também sobre o conceito de língua, o qual define como sendo uma das formas de se organizar, efetivar e concretizar essa faculdade humana, assumindo histórica, social e culturalmente uma maneira de ser. “Então, a linguagem seria uma faculdade humana e a língua uma das formas assumidas por essa faculdade no seu exercício cotidiano do ponto de vista social e histórico” (MARCUSCHI, 2003, p. 133).

O autor ressalta, também, a importância de se observar a relação entre linguagem e sociedade.

O que eu acho é que existe uma relação bastante estreita entre estruturas sociais e estratégias linguísticas, não as estruturas linguísticas, mas as estratégias linguísticas, ou seja, entre usos linguísticos e estruturas sociais, simplesmente, porque essa relação entre linguagem e sociedade se dá pela cultura e pela situação em que as pessoas vivem e por aquilo que as pessoas querem fazer. Então, não é uma relação direta, é uma relação mediada por interesses, por atividades, conceitos, por uma série de coisas. Eu diria: linguagem e sociedade mantêm uma relação não simétrica, mas complexa que passa por uma série de outros aspectos, entre eles a cognição, os interesses... enfim, processos de interação entre os indivíduos e assim por diante (MARCUSCHI, 2003, p. 133).

No contexto da relação entre linguagem e sociedade apontado por Marcuschi, Koch (2006) complementa que cada enunciação pode ter uma multiplicidade de significações, uma vez que as intenções do falante, ao produzir um enunciado, podem ser as mais variadas. A autora argumenta que o conceito de intenção é, assim, fundamental para uma concepção da linguagem como atividade convencional: “toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se. Compreender uma enunciação é, nesse sentido, apreender essas intenções” (KOCH, 2006, p. 22).

Nessa linha teórica, a partir dos conceitos de linguagem defendidos pelos autores Travaglia (2001) e Marcuschi (2003) e Koch (2006), evidencia-se a importância dos aspectos históricos, sociais e interacionais nos processos comunicativos pela linguagem. Conceitos que consideramos aproximarmos da perspectiva bakhtiniana de linguagem – como também o consideram Alves (2013) e Castro (2014), para citar alguns. Ao discorrer sobre a relevância do aspecto dialógico da linguagem, Wachowicz (2012) enfatiza a importância de apresentar as reflexões bakhtinianas acerca da dialética discursiva que, segundo a autora, ganha corpo na assunção do dialogismo como pressuposto da linguagem humana. Assim defendido pelo próprio Bakhtin:

O enunciado é um fenômeno complexo, polimorfo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o autor (o locutor) e enquanto ele na cadeia da comunicação verbal, em sua relação com os outros enunciados [...] O enunciado reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes, próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural) (1992, p. 318-319).

A verdadeira substância da linguagem é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação, conforme sentença Bakhtin (2014, p. 123): “a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem”. O autor também explica que os gêneros, socialmente constituídos, pressupõem a relação por meio da linguagem, o que permite explicitar a sua dimensão discursiva.

Dessa forma, ao considerar que o homem se desenvolve e se relaciona com seus semelhantes e com o mundo, numa relação intercomplementar de troca, é atribuído à linguagem um caráter social. Para Vygotsky (2000, p. 12), “a relação entre o homem e o mundo passa pela mediação do discurso, pela formação de idéias e pensamentos através dos quais o homem aprende o mundo e atua sobre ele”. A importância atribuída por Vygotsky à linguagem para o desenvolvimento cognitivo humano e a relevância do meio social para a constituição do dialogismo na perspectiva bakhtiniana podem produzir ricos diálogos teórico-epistemológicos em termos de linguagem, aprendizagem e cultura (CASTRO, 2014; FREITAS, 2004).

Nessa perspectiva, Castro e Damiani (2017, p. 87) argumentam que “o mundo da linguagem permite que nos apropriemos (aprendamos) e externemos (comuniquemos ao outro) conhecimentos e informações” por meio da linguagem verbal e que “não foi à toa que Vygotsky situou a linguagem em posição central de sua teoria”.

Em relação a alguns aspectos que envolvem o ensino e o aprendizado da escrita, Riolfi e colegas discorrem sobre a importância de se refletir sobre o fato de que escrever exige dos sujeitos que ensinam e dos que aprendem.

Baseamo-nos no pressuposto de que, em razão da instabilidade e da efemeridade que marcam a condição humana na contemporaneidade, aprender e ensinar a escrever são duas práticas culturais que perderam a centralidade na vida das pessoas. [...] O primeiro ponto de sustentação do paradoxo a que nos referimos – a escrita como um bem social de grande valor – sempre teve como objetivo colocar ordem na desordem, impor limites e estabelecer regras para o funcionamento das trocas sociais (RIOLFI et al., 2012, p. 114).

Tomando a linguagem como um bem social e constatada sua relevância para a produção escrita, evidencia-se a importância da adoção de uma concepção de linguagem pelo professor, a fim de que possa planejar e mediar as atividades de produção textual a serem desenvolvidas com os estudantes. A seguir, intencionamos adentrar nesta discussão com maior ênfase.

### 3. A escrita no contexto escolar e na universidade

Ao longo dos anos, discute-se com frequência a respeito do baixo nível de desempenho linguístico dos estudantes. Para Geraldi (2012), não falta quem diga que, entre os jovens, há uma incapacidade generalizada de articular e estruturar linguisticamente uma sentença. Para este autor, tais afirmações podem ser facilmente constatadas a partir das redações dos vestibulandos e do baixo nível de leitura, comprovável facilmente pelas baixas tiragens de nossos jornais, revistas, obras de ficção, entre outros. Geraldi (2012, p. 40) explica que “reconhecer e mesmo partilhar com os alunos tal fracasso não significa, em absoluto, responsabilizar o professor pelos resultados insatisfatórios de seu ensino”. Também são conhecidas as condições de trabalho dos professores, especialmente dos que atuam no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Nesse contexto, Damiani et al. (2011) discorrem que, nos processos de ensino e de aprendizagem da escrita, são comuns as dificuldades encontradas, mesmo considerando que o currículo da Educação Básica contempla uma considerável carga horária para o ensino da língua materna. Para essas autoras, tal configuração curricular parece que não tem levado à superação dessas dificuldades, pois diversos fatores estão envolvidos, não somente a possível falta de preparo dos professores para lidar com essas dificuldades de maneira eficaz, mas, também, pelo fato de possuírem uma carga horária elevada e turmas numerosas, o que reduz o tempo para o preparo de aulas.

Além desses fatores, é possível perceber em nossa atuação em sala de aula a falta de motivação de escolares e universitários em relação à prática da escrita, seja pelas dificuldades relacionadas a aspectos estruturais do texto ou pelo limitado repertório linguístico e argumentativo. A necessidade de maior conhecimento da estrutura da língua e das estratégias de produção escrita pelos professores, nas escolas, também é perceptível. Em um ciclo infinito de retroalimentação, os estudantes que não desenvolvem adequadamente suas habilidades de escrita na Educação Básica entram na universidade, passam por ela, formam-se e, muito deles, ainda com evidentes problemas relacionados à escrita, tornam-se professores nas escolas – iniciando um novo ciclo.

A produção de texto por estudantes em condições escolares é marcada por uma situação muito particular, conforme explica Geraldi (2012, p. 126), “onde são negadas à língua algumas de suas características básicas de emprego, a saber: sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo”.

Tal fato ocorre pela utilização de métodos basicamente normativos, o que, em nossa experiência de ensino e pesquisa, consideramos dificultar o entendimento dos aprendentes, pois se torna difícil estabelecer uma relação entre a teoria gramatical e a prática da produção textual.

É importante, diante deste contexto, evidenciar o caráter social do texto escrito, pois, além dos fatores formais que o constituem, deve ser considerado um instrumento por meio do qual os indivíduos criam, mantêm e registram discursos, conhecimentos e situações comunicacionais. Conforme esclarece Wachowicz (2012, p. 22), “para o que acreditamos ser a função da escola, texto é produto social; é criação da história que se entrelaça às relações organizadas dos indivíduos”.

Para Abaurre (2012, p. 13), um texto não pode ser considerado uma criação puramente individual, pois é resultado de um processo de elaboração que contou com a participação de diferentes agentes: "o **autor** que o escreveu, o **público** para o qual foi escrito, o contexto em que foi produzido (social, político, cultural etc.) e os **meios de circulação** em que é divulgado ou publicado" (grifos do autor). Dessa forma, evidencia-se a importância do processo comunicativo e de seus diferentes agentes na construção do texto.

Nessa perspectiva, Koch (2014) argumenta que o texto é produto de uma atividade verbal, sendo esta consciente, planejada e intencional, que o locutor utiliza para alcançar certos objetivos – uma vez que esse processo ocorre em uma situação interacional, cujos participantes devem adequá-lo ao contexto da interação. O texto não produz sentido nele mesmo, mas, sim, a partir dele. Conforme explica Koch (2014, p. 13):

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Nas últimas décadas, pesquisadores de diversas áreas têm voltado sua atenção para o importante papel das práticas de leitura e escrita para as aprendizagens e na inserção social dos estudantes.

Sua primeira preocupação tem sido garantir que ler e escrever passem a fazer parte do cotidiano escolar e, por esse motivo, muitos dos estudos realizados centram-se em orientações mais gerais baseadas em trabalhos teóricos, deixando a cargo do professor a tarefa de transpor tais reflexões para sua prática pedagógica (ABAURRE, 2012, p.7).

Segundo Geraldi (2012), muitos professores buscam integrar o trabalho em sala de aula por meio da leitura ou da produção de textos que levem o estudante a assumir, de forma crítica, sua função de sujeito do discurso. No entanto, é comum se depararem com o peso da tradição, seja pela imposição dos programas a serem cumpridos ou mesmo pelas justificativas teóricas do ensino tradicional da gramática. Para Geraldi (2012), na escola, os estudantes não escrevem livremente, mas, sim, *fazem redações*, conforme determinados moldes.

Para a produção de um texto, não basta escrever sobre um determinado tema. É fundamental, sobretudo, saber que ele é produzido por alguém e para alguém. É necessário ressaltar a importância da relação entre escritor e leitor, a fim de fomentar e estabelecer o processo dialógico que caracteriza a linguagem. Geraldi (2012, p. 36) explica também que "não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas. [...] O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas".

Nessa perspectiva, Bagno (1999) defende que a grande tarefa da educação linguística contemporânea é permitir, incentivar e desenvolver o letramento dos educandos, ou seja, possibilitar a plena inserção desses sujeitos na cultura letrada em que vivem. Para o autor, este é um dever da escola e um direito de todo cidadão.

E para que isso aconteça, para que as pessoas possam ler e escrever bem, elas têm que ler e escrever, ler e escrever... Todas as milhares de horas-aulas jogadas fora todo ano com a decoreba inútil e enfadonha da nomenclatura gramatical e com os exercícios de análise morfológica/sintática têm que ser integralmente dedicadas à tarefa de letramento dos nossos estudantes. Ler e escrever – é isso que importa. Ler e escrever textos variados, de todos os tipos e de todos os gêneros que circulam na sociedade (BAGNO, 1999, p. 86).

Diante dessa situação, consideramos fundamental refletir a respeito de que conhecimentos o aprendente terá de elaborar em relação à linguagem escrita e seus usos. Segundo Abaurre (2012), o estudante precisa aprender a diferenciar as várias situações e contextos em que a escrita é socialmente utilizada. Dessa forma, deverá ser capaz de produzir textos de diferentes gêneros discursivos. Para tanto, é necessário dispor de conhecimentos sobre as diversas funções socioculturais da atividade de escrever. A autora assevera ainda que esse conhecimento é fundamental para que o estudante saiba decidir quando se faz necessário e significativo escrever.

Tais problemas relacionados à escrita não se limitam à Educação Básica e também podem ser facilmente observados nas universidades, conforme destacam Castro e Damiani (2017, p. 86): "observa-se sérias dificuldades de expressão escrita, inclusive em estudantes de nível superior, o que nos conduz a uma necessária reflexão sobre a qualidade do ensino da escrita no país". Em consonância com esses autores, Alves (2013) explica que as falhas de aprendizagem relativas à produção textual na Educação Básica se revelam, mais tarde, no Ensino Superior. Segundo esta autora, isso é extremamente sério, uma vez que não é função principal da universidade resolver as lacunas relacionadas à escrita trazidas pelos egressos da Educação Básica.

Damiani et al. (2011) realizaram diagnóstico inicial dos problemas de redação observados em pequenos textos produzidos por um grupo de acadêmicos de Pedagogia de uma universidade do sul do país, no contexto de uma disciplina desse curso. Os principais problemas encontrados foram: pontuação, ausência de paralelismo nas construções frasais e impropriedade vocabular. Segundo essas pesquisadoras, tais resultados sugerem que as estudantes não refletiram sobre o que escreveram, tanto no que se refere à organização semântica quanto à organização linguística. Fato que pode ter contribuído para a produção de textos sem a qualidade esperada para futuras profissionais que serão responsáveis pelo ensino da escrita e seu aperfeiçoamento em crianças e adultos. O diagnóstico apresentou uma situação inquietante, pelos inúmeros problemas de escrita detectados, principalmente ao considerar que os textos analisados eram pequenos. Diante da situação diagnosticada, as pesquisadoras ressaltam a necessidade de planejar e implementar intervenções que possam melhorar a qualidade dessa escrita e preparar essas profissionais para suas futuras atividades docentes relativas à escrita.

Nesse contexto, há uma preocupação especial em relação às dificuldades na escrita acadêmica, especificamente com relação aos estudantes de Pedagogia (sujeitos da pesquisa a qual este artigo se vincula), que serão os nossos professores, habilitados alfabetizadores, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

É necessário habilitar o futuro educador para que ele possa compreender os mecanismos relacionados à linguagem e aos aspectos gramaticais envolvidos na produção de textos, a fim de que sejam ensinados adequadamente tais conceitos para seus educandos e que esses últimos desenvolvam de forma efetiva as capacidades necessárias de produção escrita. Contudo, não nos parece que essa prerrogativa esteja sendo contemplada no sistema educacional brasileiro.

Damiani et al. (2011) explicam que, para os estudantes produzirem textos de boa qualidade na universidade, não basta seguir convenções e formas estilísticas como molde, nem, tampouco, apenas saber regras gramaticais e ortográficas. Mas, sobretudo, é necessário entender como os elementos linguísticos podem ser usados para construir e comunicar sentido.

Nessa perspectiva, Alves (2013) esclarece que há uma complexidade dos processos intelectuais presentes durante a composição de um texto. Para esta pesquisadora, há a necessidade de um ensino adequado e direcionado à produção de textos e que esses textos sejam significativos para os acadêmicos, a fim de que possam dar conta de todos os processos intelectuais que estão envolvidos na expressão escrita do pensamento.

Diante dessa situação, constatamos e defendemos a importância de um ensino sistematizado para a produção de textos, com a implementação de atividades orientadas que não contemplem apenas os conteúdos gramaticais, mas que, conjuntamente, integrem os aspectos sociodiscursivos envolvidos na produção escrita.

#### **4. A proposta didática de intervenção pedagógica para o aprimoramento da linguagem escrita**

Durante todo o século XX, desenvolveu-se uma psicologia cuja importância é constatada até os dias atuais, devido a suas contribuições nas áreas da Psicologia e da Educação. Trata-se da Teoria Histórico-Cultural da Atividade (CHAT), cuja orientação baseia-se nos pressupostos do materialismo histórico e dialético.

Lev Vygotsky, principal representante da CHAT, ao lado de Alexander Luria e Alexis Leontiev, fazia parte de um grupo de jovens intelectuais da Rússia pós-Revolução de 1917, que trabalhavam em um clima de grande idealismo e efervescência intelectual. "Esse teórico soviético nasceu ainda no século passado, tendo vivido apenas até a década de 30 do nosso século, numa situação social, política e científica completamente diferente da

nossa" (OLIVEIRA, 1993, p. 14).

Oliveira (idem) argumenta que, devido à crescente penetração das ideias de Vygotsky nas áreas da Psicologia e da Educação e, principalmente, ao entrar em contato com o conteúdo do seu pensamento, podemos imaginá-lo bastante próximo de nós, no tempo e no espaço. Para Castro (2012), desde as últimas décadas do século XX, até o início do século XXI, os referenciais baseados na perspectiva Histórico-Cultural vêm crescendo consideravelmente em investigações relativas às diferentes áreas da Educação, em especial nos experimentos desenvolvidos por Vygotsky (SELAU e CASTRO, 2015).

De acordo com estudos de Castro (2012), na abordagem Histórico-cultural, o desenvolvimento histórico de cada pessoa possui elevado grau de relevância nos processos de ensino e aprendizagem, proporcionando, assim, o embasamento de diversos projetos educacionais, em diferentes níveis. Nessa perspectiva, para Castro (2012, p. 3), "a escola configura-se como importante espaço social de exploração e desenvolvimento da cultura e de registro e manutenção do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade".

No desenvolvimento da já referida pesquisa de mestrado, será implementada uma pesquisa do tipo intervenção-pedagógica direcionada ao ato de escrever de acadêmicos de Pedagogia, fundamentada teórica e metodologicamente em pressupostos da CHAT. Tal escolha ocorre por considerarmos que um processo interventivo sistematizado, de uma pessoa mais experiente, sobre uma menos experiente, contribui para o aprimoramento da produção escrita. Castro e Damiani (2017) complementam sobre a relevância do processo interventivo sistematizado:

[...] instiga a escrita autorreflexiva; desperta a consciência do escritor sobre o fato de que ele escreve para um interlocutor; alerta para a importância de conhecer as regras gramaticais para uma melhor expressão escrita do pensamento e que; o estabelecimento de uma relação afetiva positiva entre quem realiza a intervenção e quem dela participa é fundamental para o êxito do processo pedagógico interventivo (p. 86).

Damiani et al. (2013) explicam que a pesquisa do tipo intervenção pedagógica envolve o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações), com a finalidade de produzir avanço e/ou melhorias nos processos educacionais dos sujeitos que dela participam; como, também, a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências, com base num dado referencial teórico. Nessa perspectiva, estes pesquisadores argumentam que esse tipo de pesquisa tem o objetivo de gerar conhecimento para a aplicação prática e/ou dirigida à superação de problemas educacionais concretos específicos.

A intervenção pedagógica que se encontra em processo de implementação por meio da supracitada pesquisa consistirá, inicialmente, no diagnóstico das dificuldades apresentadas por acadêmicos de um curso de Pedagogia de uma universidade federal do estado de Rondônia, com base na produção textual por eles desenvolvida em sala de aula. Tratar-se-á de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo intervenção-pedagógica, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da CHAT, com foco nos conceitos vygotskianos de mediação e consciência e controle (VYGOTSKI, 1931/1995).

Os instrumentos de coleta dados serão a análise documental dos textos produzidos pelos acadêmicos ao longo do processo interventivo e a entrevista semiestruturada (GIL, 2010) com os próprios acadêmicos. A análise dos dados será realizada por meio de análise textual discursiva, na perspectiva de Moraes (2003).

Para a implementação propriamente dita da intervenção, serão realizadas oficinas a respeito da estrutura básica da dissertação (introdução, desenvolvimento e conclusão), e de aspectos relacionados à coerência e à coesão textual. Serão proporcionados aos acadêmicos de Pedagogia momentos para leitura e interpretação de textos variados, para posterior debate e socialização das informações, a fim de levá-los a assumir de forma crítica a sua função de sujeitos do discurso, como falantes e escritores. Por fim, haverá oficinas para a escrita e a reescrita de textos, em que serão ministradas orientações específicas referentes às suas produções escritas, bem como a análise dos aspectos gramaticais e quanto ao uso adequado da linguagem. As intervenções na escrita dos acadêmicos serão realizadas por meio de encontros presenciais e de atividades realizadas em ambiente virtual de apoio.

Para fins didáticos, apresentamos em formato de lista, a seguir, todas as etapas da intervenção que está em início de processo de implementação – de acordo com o preconizado por Damiani et al. (2013):

- 1. Diagnóstico situacional e delimitação do contexto empírico** – seleção da universidade e dos sujeitos da pesquisa, solicitação de autorização institucional para a realização da pesquisa, entrevista com os acadêmicos e levantamento do desempenho dos mesmos por meio de avaliação diagnóstica;
- 2. Planejamento da intervenção** – elaboração das oficinas, definição das dinâmicas e da duração das abordagens didáticas da ação pedagógica;
- 3. Implementação da intervenção** – aplicação das oficinas de escrita e da proposta pedagógica planejada;
- 4. Avaliação da intervenção** – coleta e análise dos dados para aferir a ação pedagógica interventiva.

Em moldes parecidos com o que estamos desenvolvendo, outros pesquisadores desenvolveram com êxito propostas didáticas de intervenção sobre a escrita de acadêmicos de Pedagogia. Vamos apresentar, em formato de síntese, duas delas.

A pesquisa de Alves (2013) é um desses casos. Sua investigação objetivou avaliar os efeitos de uma intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento da tomada de consciência e da capacidade de controle sobre a escrita e o desenvolvimento de funções psicológicas superiores relacionadas a essa atividade. Os resultados encontrados por Alves (2013) sugerem que a intervenção pedagógica realizada proporcionou aos acadêmicos, que dela participaram, a tomada de consciência em relação aos elementos necessários à produção de textos escritos, assim como o desenvolvimento do controle sobre alguns desses aspectos. Segundo a pesquisadora, os achados da pesquisa também revelaram que as práticas de escrita desenvolvidas na intervenção pedagógica potencializaram o desenvolvimento de funções psicológicas superiores ligadas ao complexo ato cognitivo de escrever, o que possibilitou tornarem-se escritores mais proficientes (ALVES, 2013).

Castro (2014), por sua vez, desenvolveu pesquisa com o intuito de investigar as possibilidades de evolução da expressão escrita de estudantes de um curso de Pedagogia a distância, por meio de um cronograma interventivo implementado ao longo de sete semestres. As intervenções intencionavam contribuir para o aprimoramento da expressão escrita de um grupo de acadêmicas e foram guiadas, fundamentalmente, pelos conceitos vygotskianos de consciência e controle. Segundo este pesquisador, a análise dos dados, para a avaliação dos efeitos das intervenções, mostrou que as acadêmicas: reagiram positivamente às intervenções pedagógicas; tomaram consciência sobre suas dificuldades de escrita; demonstraram maturidade ao lidarem com apontamentos relativos a tais dificuldades; buscaram superá-las; assumiram postura autocrítica com relação ao ato de escrever e; relataram que passaram a prestar mais atenção ao fato de que escrevem para um leitor e à importância de revisarem seus textos (CASTRO, 2014).

A partir dos resultados apontados por esses pesquisadores, constata-se o relevante papel da intervenção pedagógica no processo de aprendizagem de conteúdos e estratégias relacionados ao ato de escrever. Ressaltam, também, que, por meio de um processo interventivo sistematizado, o professor desempenha um papel fundamental, pois a intervenção não proporciona apenas a transmissão dos conteúdos necessários para o desenvolvimento da escrita, mas, sobretudo, promove a relação entre professor, conhecimento e aluno, por meio dos mediadores culturais (VYGOTSKI, 1931/1995) materializados na linguagem verbal.

### Considerações sobre a problemática

É notória a relevância que a produção escrita exerce na sociedade, seja pela possibilidade de registro ao longo do tempo como por seu papel fundamental quanto ao desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Neste contexto, consideramos importante evidenciar que a mediação didática nos processos de ensino da linguagem escrita precisa ser inovadora, criativa e teoricamente fundamentada.

Nessa perspectiva, partimos da hipótese – já confirmada pelas pesquisas de Damiani et al. (2011), Alves (2013) e Castro (2014) – de que a mediação

do professor na produção textual dos estudantes contribuirá de forma significativa para um melhor desenvolvimento de suas escritas. Ao intervir nos textos dos acadêmicos, o professor aponta e exercitando suas dificuldades, destacando os principais processos envolvidos na escrita para que eles, então, possam controlar suas dificuldades, melhorando, sistematicamente sua expressão escrita do pensamento.

O grande questionamento relacionado aos problemas de escrita, tão evidentes por parte de estudantes de todos os níveis educacional é: como acadêmicos de licenciaturas, que apresentam sérias dificuldades de expressão escrita nas universidades, tornar-se-ão professores capazes de, do outro lado do processo educacional, ensinar seus alunos a ler e escrever com a eficiência desejada? Eis a gravidade da situação que está posta e que nos propomos a debater, aprofundar e enfrentar!

Em relação à pesquisa de mestrado mencionada neste manuscrito, esperamos que, ao seu final, os acadêmicos participantes apresentem um melhor desempenho na produção de textos, assim como no que se refere à compreensão dos mecanismos relacionados à linguagem e aos aspectos gramaticais envolvidos no processo de escrever. Visto que esses estudantes serão os futuros professores de língua portuguesa na primeira fase do Ensino Fundamental e tais resultados implicarão de forma significativa na sua formação docente.

#### Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

ALVES, Clarice. V. P. **A escrita no contexto acadêmico: uma abordagem a partir das Ideias de L. S. Vygotsky**. 2013. 232f (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16.ed. São Paulo: Hucited, 2014. BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, p. 318-319, 1992.

CASTRO, Rafael F. de **A expressão escrita de acadêmicas de um curso de pedagogia a distância: uma intervenção Histórico-Cultural**. 2014. 236f (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CASTRO, Rafael F. de; ALVES, Clarice V. P. Consciência em Vygotsky: aproximações teóricas. In: X SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL (X ANPEd Sul) , 2012, Caxias do Sul. **Anais do...** Caxias do Sul: UCS, p. 1-12, 2012.

CASTRO, Rafael. F. de; DAMIANI, Magda. F. Uma intervenção sobre a escrita acadêmica: o que dizem as estudantes de Pedagogia à distância? **Cadernos de Educação**, Santa Maria, n. 42, v. 1, p. 85-98, 2017.

DAMIANI, Magda. F.; ROCHEFORT, Renato S.; CASTRO, Rafael F. de; PINHEIRO, Sílvia; DARIZ, Marion R. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.45, n.1, p. 1-22, 2013.

DAMIANI, Magda. F.; ALVES, Clarice; FRISON, Lourdes B. MACHADO, Rejane F. A escrita acadêmica: análise e intervenção. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 249-271, 2011.

FREITAS, Maria T. A. **O Pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. 6 ed. Campinas: PAPIRUS, 2004.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

KOCH, Ingedore. G. V. **Argumentação e linguagem**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore. G. V. **O texto e a construção dos sentidos** 10 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **Conversas com linguistas. Virtudes e controvérsias da linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e educação**. Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo socio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

RIOLFI, Cláudia; ROCHA, Andreza; CANADAS, Marcos A.; BAROSA, Marinalva; MAGALHÃES, Milena; RAMOS, Rosana. **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2014.

SELAU, Bento; CASTRO, Rafael F. de. **Cultural-historical approach: educational research in different contexts** (Orgs.) Bento Selau da Silva Jr., Rafael Fonseca de Castro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKI. L. S. **Obras Escogidas Tomo III (Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores)**. Madri: Visor, 1931/1995.

VYGOTSKI. L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WACHOWICZ, Teresa C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.